



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS – LÍNGUA
PORTUGUESA

FRANCISCO DAS CHAGAS SILVA COSTA

NO MEU TEMPO DE ESCOLA: Narrativas de alunos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) do Ensino Fundamental de uma escola do interior do Maranhão - MA

SÃO BERNARDO - MA
2023

FRANCISCO DAS CHAGAS SILVA COSTA

NO MEU TEMPO DE ESCOLA: Narrativas de alunos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) do Ensino Fundamental de uma escola do interior do Maranhão - MA

Monografia apresentada como requisito destinado ao componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do grau de graduada em Licenciatura em linguagens e códigos / Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão / Campus de São Bernardo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rachel Tavares de Moraes.

SÃO BERNARDO - MA
2023

AGRADECIMENTOS

Durante toda minha trajetória tive o prazer de poder ter em minha vida pessoas para estarem caminhando ao meu lado, ajudando-me e guiando meus passos, orientando por onde devia trilhar e onde tinha que parar, a elas todo meu respeito, admiração e agradecimento. Mas, primeiramente, quero agradecer a Deus por me sustentar e me dar forças para prosseguir e não me fazer desistir até aqui, foi graças a minha fé nEle que consegui, mesmo como muita luta, chegar onde cheguei.

Minha vida acadêmica se resume em muita coisa, alegria em conseguir ingressar em um curso superior, tristeza em quase ter que desistir por não conseguir permanecer no curso e ansiedade em querer desistir por causa das dificuldades, porém no meio desses anseios tive uma coisa que todo estudante deve presar bastante, o apoio familiar e, em especial, o amor de um pai e de uma mãe. É com todo amor e com suspiro de dever cumprido que agradeço aos meus pais Raimundo Nonato e Roseli por sempre me apoiarem em todas as minhas decisões, agradecer também pelos conselhos e os puxões de orelha, pois sem dúvida alguma eles contribuíram e foram responsáveis pela conclusão desse trabalho. E foi por eles que decidi embarcar nessa jornada.

Aos meus irmãos, Matheus, Bruno e Lucas, quero deixar todo meu carinho e amor, pois mesmo que indiretamente eles contribuíram nesse meu processo formativo, me incentivando e me dando apoio para prosseguir, pois ser o segundo da família a conseguir entrar numa Universidade Federal se tornou uma alegria entre nós e sempre pude contar com eles para tudo. Lucas que sempre me buscava na rodoviária, Matheus que me acolheu quando fui morar em São Bernardo e Bruno que sempre me dava conselhos.

Também quero agradecer a minha vizinha Cinesia que sempre esteve meu lado, preocupada com meu bem estar e com meus estudos, ela sem sombra de dúvidas foi uma das pessoas na qual me incentivou a ingressar numa universidade e durante minha caminhada acadêmica se tornou uma espécie de alvo, pois sempre que pensava em desistir a voz dele ecoava em minha mente suas palavras de que “o estudo é tudo que temos a oferecer a você, meu neto” todo meu amor, carinho, respeito e admiração a ela.

Não poderia deixar de agradecer a minha grande dupla e companheiros de luta, Luciano e Crislene, na qual tive o prazer de dividir as angústias, tristezas e as alegrias de uma vida acadêmica, amo vocês. Foi com eles que pude desabafar sobre tudo que passei durante esses quatro anos de universidade, sem eles talvez não fosse possível a conclusão do curso,

pois quando um de nós estava prestes a desistir os outros estavam lá para apoiar e procurar meios para fazer permancer, obrigado amigos.

Queria também deixar meus agradecimentos a todo o corpo docente da universidade que me ajudaram na minha formacao docente, em especial, deixar meus sinceros agradecimentos e minha admiração a minha orientadora, a professora Dr^a Rachel Tavares de Moraes que teve toda paciência em me ajudar a concluir esse trabalho, as madrugadas que sempre enviei meu trabalho e ela com toda paciência e delicadeza dava seu retorno sem exitar em nada, procurando formas de melhorar e aperfeiçoar minha escrita, a ela também deixo meu respeito e carinho.

E por ultimo e nao menos importante, quero deixar todo meu amor, respeito e agradecimento a Renatinha, a tia Irelice e o tio José Renato. Esse três se tornaram uma segunda família que me abraçaram e me acolheram, sem eles a permanência na universidade de forma alguma seria possível, o carinho que recebi deles nunca conseguirei retribuir, em especial a Renatinha que sempre me deu apoio emocional e material. Me lembro ainda hoje o dia ela me recebeu na cidade comprando uma caderneta e uma caneta e dizendo que aquilo eram as minhas boas vinda na cidade, amo essa garota.

Deixo aqui registrado a essas pessoas todo meu carinho, amor e respeito por sempre acreditar no meu potencial e sempre me apoiar em tudo, em saber que um dia o meu sonho seria possível, minha familia em especial, pois foram eles que acompanharam meus anseios, angústias e medos durante toda minha jornada. Meus amigos que me incentivavam com palavras de apoio a prosseguir e nao desistir dos meus objetivos, novamente reitero todo meu amor a todos. OBRIGADO!

Decido esse trabalho as meus pais, irmãos e minha avó que sempre caminhou ao meu lado me apoiando e incentivando minha vida acadêmica e meu sonho para que esse um dia pudesse se realizar, sonho esse que também é deles, pois cada um sonhou junto comigo e ajudaram na realização do mesmo. Dedico também a todos que acreditaram no meu potencial, aos amigos que com palavras de carinho me apoiaram e contribuíram para a realização desse sonho.

“É preciso que a leitura seja um ato de amor”.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a relação da escola com o processo de aprendizagem da leitura e escrita de alunos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da escola da rede pública Unidade Escola Presidente Dutra, escola esta que se localiza no povoado Arara, da cidade de Araiões do Estado do Maranhão. Buscou-se desvendar por meio de suas narrativas o que eles pensam a respeito da educação e como esta pode contribuir para suas vidas. Para tanto, no que diz respeito aos aspectos metodológicos empíricos, usou-se a entrevista narrativa, com quatro alunos matriculados no período de 2020-2022. Como fundamentação teórica, esta pesquisa embasa-se nos estudos de Haddad; Di Pierro, (2000), onde abordam sobre o contexto histórico da educação, Lourenço Filho (1949), que trará suas contribuições a cerca das primeiras medidas políticas voltadas para o ensino da EJAI e as Leis de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), como um documento norteador e que passou a ser um dos grandes avanços no que diz respeito à segurança desses indivíduos no cenário educacional, Clandinin e Connelly (2011), abordando a pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa, e para as narrativas dos alunos me apoiarei nos estudos de Arroyo (2001); Kleiman (1995), Freire (2002); Freire (1961) Soares (2004) Vieira (2004). Destaca-se a importância da escola como espaço promotor da autonomia no processo de aquisição do universo letrado, para produção de conhecimento e formação profissional.

Palavras-chaves: Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJAI. Escola. Escrita. Leitura. Narrativas.

ABSTRACT

The present work aims to understand the relationship between the school and the learning process of reading and writing of students of the Education of Young People, Adults and Elderly (EJAI) of the public school União Escola Presidente Dutra, from the school that is located in the village Arara, in the city of Araiões, in the state of Maranhão. We sought to unravel through their narratives what they think about education and how it can contribute to their lives. To this end, with regard to empirical methodological aspects, the narrative interview was used, with four students enrolled in the period 2020-2022. As a theoretical foundation, this research is based on Haddad's studies; Di Pierro, (2000), where they address the historical context of education, Lourenço Filho (1949), who will bring his contributions to the first political measures aimed at teaching EJAI and the Basic Guidelines Laws (LDB), as a guiding document and which has become one of the great advances with regard to the safety of these individuals in the educational scenario, Clandinin and Connelly (2011), addressing narrative research: experience and history in qualitative research, and for the students' narratives I will rely on studies by Arroyo (2001); Kleiman (1995), Freire (2002); Freire (1961) Soares (2004) Vieira (2004). The importance of the school as a space that promotes autonomy in the process of acquiring literacy is highlighted, for the production of knowledge and professional training.

Keywords: Education of Youth, Adults and Elderly – EJAI. School. Writing. Reading. Narratives.

ABREVIATURAS E SIGLAS

EJAI – Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Atividade realizada com alunos do EJAI.

FIGURA 2 – fotografia registrada na aula de artes sobre no meu tempo de criança.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - Qual seu nível de escolaridade antes de iniciar os estudos na EJAI?

Quadro 2 - Quais motivos os levou a parar de frequentar à escola?

Quadro 3 - Quais motivos os levou a voltar à escola?

Quadro 4 - Qual sua opinião sobre à educação?

Quadro 5 - Como era seu nível de leitura e escrita antes de voltar à escola?

Quadro 6 - Como está sua leitura e escrita após voltar à escola?

Quadro 7 - Você acha que a EJA te ajudou de alguma forma? Como?

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS (EJAI): mais que um direito, a chave para século XXI.....	16
3 PESQUISA NARRATIVA: caminhos trilhados na construção da formação docente...20	
3.1 Narrativas de um professor em formação na sala de aula.....	20
3.2 Proposta Didática: um percurso pela produção de sentido na EJAI.....	22
4 NARRATIVAS DO ALUNOS DA EJAI: marcas da relação com a escola e a vida.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

O processo formativo do professor, segundo Silva (2011), acontece de forma político e social, e para que seja desenvolvido, requer uma longa temporada de preparo e reflexão dos indivíduos que estejam dispostos a se tornarem docentes. Para tanto, é necessário que, durante esse processo formativo, haja, de fato, uma reflexão sobre o profissional que o indivíduo está se tornando, pois, a partir da conclusão formativa de ser professor, ele assumirá um papel fundamental na sociedade, o qual é de ajudar a formar outros indivíduos.

Assumir esse papel trará responsabilidades que, provavelmente, resultará em diversos percalços e labores, mas também dará bons frutos se plantado corretamente. Aqui, reforço a importância do ato reflexivo para que evite tal frustração, pois ser professor antes e agora é um papel que se deve assumir com total responsabilidade e seriedade.

Seguindo essa concepção de seriedade do fazer docente, decidi não de imediato me tornar um profissional da educação. No início houve uma resistência em tomar tal decisão, porém, quando cheguei na graduação, pude ter a certeza que queria ser professor. No entanto, essa (in) certeza de ser professor não iniciou na graduação, muito menos na minha educação básica, iniciou muito antes, na minha infância.

Acredita-se que todo adulto quando criança sonha em se tornar algo na vida, como ser um advogado, um médico, um engenheiro, etc. Eu, por outro lado, sempre quis ser um super-herói como os da televisão, acontece que toda criança cresce e sua infantilidade vai se perdendo. Agora, imagina uma criança de interior, filho de agricultores, com perspectiva de vida baixa que sonhava em ajudar na formação de outras crianças mesmo com diversas dificuldades, o que ele se tornaria mais tarde?

Para muitos, as oportunidades são poucas, às vezes, quase nada e isso contribui diretamente no futuro das crianças. No entanto, sempre quis e sabia que alguma coisa eu seria na vida. Na verdade, eu tinha mesmo era ambição de crescer na vida e me tornar alguém e essa ambição me levaria a algum lugar. Minha vida escolar teve momentos baixos e altos, no ensino infantil sempre fui muito esforçado mesmo sendo uma criança. Já no ensino

fundamental me deparei com outra realidade, conheci novas pessoas, alguns prazeres da vida e, isso afetou na minha vida educacional. No entanto, isso se reverteu no ensino médio, conheci novas pessoas, com idades diferentes, perspectivas de vida diferentes e isso aguçou minha curiosidade.

Foi com essa vontade de mudar minha realidade que após o ensino médio, ingressei no curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Centro de Ciências de São Bernardo, em 2018. A partir daí que minhas dúvidas e incertezas de me tornar um profissional da educação foram sumindo e meu desejo foi se concretizando. O curso tinha a duração de 04 (quatro) anos e dava a possibilidade de ingressar como professor de Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, porém mesmo antes de concluir a graduação consegui meu primeiro emprego como professor da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) na Unidade Escolar Presidente Dutra no povoado Araras do município de Araisos – MA.

Quando inserido em outra realidade, agora como professor, tem-se uma visão mais ampla acerca do ensino e como ele acontece na prática. O ensino de jovens e adultos ainda que na presente escola funcione como um programa não deixa de ser uma modalidade de ensino, como afirma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, atendendo a um dos princípios básicos da Constituição Brasileira que é garantir educação básica gratuita e de qualidade para todos (BRASIL, 1988). Contudo, sabe-se que a educação pública no Brasil, às vezes, está distante de ser de qualidade em uma escola pública do interior essa realidade não seria diferente.

Portanto, foi nesse sentido que pensei na presente pesquisa com o objetivo de analisar o ensino dos jovens, adultos e idosos, sobretudo no que diz respeito a relação da escola com os processos de leitura e a escrita adquiridos ou silenciados, desvendando através das narrativas o que eles pensam a respeito da educação e como ela pode contribuir na vida das pessoas. E para embasar a pesquisa me apoiei no método autobiográfico para trabalhar as narrativas dos alunos e poder analisá-las. Pensar narrativamente as experiências do outro é protagonizar sua vida, pois “(...) a pesquisa narrativa é uma tentativa de fazer sentido da vida como vivida”. (CLANDININ; CONNELLY, 2011).”

Segundo Clandinin e Connelly (2011, p. 18), “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”. Essa visão dos autores a respeito da pesquisa narrativa mostra a importância de escutarmos com seriedade a

fala do outro, pois ela traz uma carga de experiência que contribui significativamente no processo formativo dos indivíduos em especial entre pesquisador e pesquisado.

Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo narrar as experiências dos alunos com a leitura e a escrita antes e depois da EJA e fazer um contraponto com minha experiência enquanto professor da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da educação básica na escola Unidade Escolar Presidente Dutra do município de Araioses no ano letivo de 2022. Desse modo, temos como objeto de análise as falas dos alunos por meio de atividades em forma de questionários, enfatizando sua vida educacional.

Esse trabalho, possivelmente se tornará um produto de reflexão e orgulho, pois nele irei narrar uma das experiências mais marcantes da minha vida profissional, minha primeira ação como professor na área da educação. Segundo Larrosa (2002, p.21), “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, e com certeza, essa será uma experiência que ficará, pois ela contribuiu para meu processo formativo, onde por meio dela pude me reinventar enquanto professor propondo metodologias que pudessem ajudar no processo formativo dos alunos.

Desse modo, trabalhar como o método autobiográfico permite que cada pessoa identifique na sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador. Assim, o percurso traçado pela autobiografia possibilitou uma maior interação entre pesquisado e pesquisador, trazendo à pesquisa diálogos que pudessem contribuir para o processo formativo de ambos, uma vez que, as experiências se dar no âmbito do convívio entre uma relação social dos indivíduos.

A escolha do presente tema como objeto de estudo justifica-se pelo fato de ser um tema de suma importância no meio educacional e pela necessidade de conhecimento acerca das complexas abrangências do ensino da EJAI, além de ser abordado como base de pesquisa por diversos pesquisadores que se interessa no tema. A EJAI vem se tornando um aparato social, principalmente para as massas populares que não conseguiram no tempo adequado concluir o ensino regular e que por falha do sistema lhes tiraram esse direito. No Brasil, ainda se fala pouco sobre o ensino da EJAI e com esse silenciamento sobre o tema acaba ocasionando um grande número de evasão escolar.

Com isso, o estudo aqui desenvolvido estará organizado em cinco capítulos que segue seguinte estrutura. No segundo capítulo procurei fazer um apanhado histórico destacando as lutas da educação desde do período colonial perpassando pela revolução industrial, até o desenvolvimento das primeiras implementações de políticas públicas voltadas

para a EJA, e assim chegando na homologação da LDB, em que o ensino de jovens, adultos e idosos passam a ser assegurados de forma institucional pelo documento.

Já no terceiro capítulo explanarei minhas experiências de um professor em formação e de como ensinar jovens, adultos e idosos contribuiu nesse processo formativo onde que trago como experiências algumas atividades metodológicas abordadas durante esse processo na qual desenvolvi. No quarto capítulo, darei ênfase as narrativas dos alunos trazendo suas falas no que diz respeito ao seu processo de formação com um ser social, dando destaque para seu desenvolvimento na escrita e leitura e sua visão a respeito da EJA e como ela pode contribuir nesse processo. E, ao final das discussões, apresentarei minha conclusão sobre o que foi discutido e analisado no trabalho.

Diante do que será exposto nessa pesquisa, tenho como pretensão que ela possa ajudar em novas pesquisas que estão sendo desenvolvidas sobre o assunto e aumentar o interesse em saber sobre o ensino de jovens, adultos e idosos, pois a pesquisa mostrará a importância dessa modalidade de ensino e como ela ajuda pessoas que historicamente tiveram o direito à educação negada. Espero que ajude, em especial, pesquisadores do Centro de Ciências de São Bernardo que desenvolvem pesquisas voltadas para o meio educacional e pesquisas que agreguem o ensino de jovens, adultos e idosos e sim por meio de rede de pesquisas ajudar pessoas que tem a intenção de voltar à escola e conseguir concluir os estudos.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS (EJAI): mais que um direito, a chave para século XXI

Para melhor compreender o ensino na EJAI, é preciso ir à história da relação entre Estado e educação para as classes populares. Não é novidade que no Brasil, do passado aos dias atuais a aquisição de conhecimentos básicos, técnicos e socioculturais para jovens, adultos e idosos ocorreu em processos lentos para que esse grupo de indivíduos pudessem ter acesso a tais conhecimentos.

Durante o período colonial no Brasil, o processo de educação da população acontecia de forma separatista, tendo em vista que somente “os donos do poder” tinham acesso ao conhecimento, enquanto a classe pobre era desfavorecida e não tinha nenhum acesso à educação. Foi com a chegada dos Jesuítas em território brasileiro com o intuito de difundir a fé cristã católica no mundo que a educação começa a dar seus primeiros passos.

Os jesuítas tinham um único e exclusivo papel, o de catequizar os índios e negros ao catolicismo, apresentar a eles a “civilização”, isto é, os bons modos de convívio social. No entanto, perceberam que não conseguiriam converter o povo indígena caso eles não aprendessem a ler e a escrever. Deu-se início, então, ao primeiro planejamento de aprendizagem: o ensino das primeiras letras aos índios; um episódio de alfabetização. Mais tarde, essa ação educativa missionária foi estendida aos escravos negros, também em idade adulta (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

Seguindo a linha histórica, em 1930, a industrialização burguesa se instaurava no Brasil tornando-se o fator fundamental no crescimento econômico do país e passando a se denominar o que conhecemos hoje como o Estado Autoritário como afirma Haddad (1991):

A revolução de 30 foi talvez o fato mais importante na constituição do Estado nacional brasileiro. Foi ela quem marcou a passagem do antigo Estado oligárquico, de interesses regionais, marcado por uma estrutura social agrária, baseada na grande propriedade e no mercado externo, para um Estado nacional, apoiado nas grandes massas populares urbanas e nos setores sociais ligados à industrialização. (HADDAD, 1991, p. 23)

Com a instauração do mercado agrário e a industrialização burguesa no mercado brasileiro, e tendo em vista as novas formas de produção da vida material instituídas por ela, assim como as necessidades pertinentes de mão-de-obra que viessem a suprir as inovações do então estágio tecnológico posto, observa-se que o Estado se viu na obrigação de ampliar a

rede escolar com o objetivo de diminuir o analfabetismo e garantir pessoas minimamente qualificadas ou ao menos que pudessem operar as máquinas.

Por tanto, o ensino e a atenção voltados à EJA estavam configurados ao sistema capitalista vigente no país para atender suas demandas que era formar mão-de-obra minimamente qualificada que pudessem atuar na indústria e tentar diminuir o cenário vergonhoso do alto índice de analfabetismo no Brasil. Com isso, percebe-se que a industrialização não implantou ao sistema educacional um projeto democrático, ao contrário, foi imposto autoritariamente pelo Estado Novo para suprir suas demandas.

Percebe-se que a educação nunca foi levada a sério pelos sistemas vigentes no Brasil, sobretudo a Educação de Jovens e Adultos sendo estas pessoas consideradas marginais e inferiores perante o sistema econômico. Foi só em 1947 que a Educação para Jovens e Adultos começou a se tornar assunto governamental com as primeiras implementações de políticas públicas voltadas a esse público.

Nesse ano, foi criada a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) que tinha como um de seus objetivos: a educação do povo “nos melhores moldes democráticos” e não a mera alfabetização (Brasil, CEAA, 1949). Essa iniciativa se tornou um meio de combater o grande nível de analfabetismo no país, dando subsídio as pessoas que fariam parte do projeto, buscando inclui-los no mundo letrado e buscando alfabetizá-los. Lourenço Filho (1949, p. 123), destaca o movimento de educação de base, a qual conceituava como:

[...] a que forneça a cada indivíduo os instrumentos indispensáveis da cultura de nosso tempo, em técnicas que facilitem essa cultura – como a leitura, a escrita, a aritmética elementar, noções de ciências, de vida social, de civismo, de higiene, com os quais, segundo suas capacidades cada homem possa desenvolver-se e procurar para si mesmo melhor ajustamento social. (LOURENÇO FILHO, 1949, p. 123)

No entanto, Lourenço Filho percebeu que o programa se concentrava apenas nas cidades e não atendia ao público que se concentrava-se o maior índice de analfabetismo, as localidades isoladas dos interiores. A partir daí, foi criada a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) em 1949, com a finalidade de levar a educação de base aos interiores. No entanto, o programa encontrou algumas dificuldades, pois seus objetivos dificilmente seriam alcançados por meio de uma campanha de alfabetização, como afirma Carvalho (2010, p. 25)

Por um lado, reconhece-se que é preciso oferecer à população algo mais que a simples alfabetização ou aprendizagem das primeiras letras; por outro, as condições objetivas de oferta de cursos só permitem, mal e mal, a iniciação à leitura e escrita.

Em geral, os alfabetizadores das campanhas não tinham formação para o magistério, recebiam apenas um treinamento aligeirado; os espaços para realização das aulas eram improvisados, cedidos por igrejas, empresas e particulares; o tempo das aulas resumia-se a duas horas diárias, no período noturno, e o material didático era bastante pobre.

Compreende-se então que mesmo com esforços diários de educadores de tentar reverter o cenário vergonhoso do analfabetismo no Brasil, ainda há muita luta, pois, a história obscurece e mascara aquilo que o analfabetismo realmente é: uma variável dependente das condições econômicas, do subdesenvolvimento, das desigualdades de distribuição de renda e da baixa qualidade da escola pública (Carvalho, 2010, p. 38).

Percebe-se, então, que, com o decorrer do tempo pouca coisa mudou no Brasil em relação à educação, sobretudo ao ensino de Jovens e Adultos. Mesmo com documentos que asseguram o pleno acesso à educação para todos é notório as falhas do sistema que desde as primeiras implantações educacionais viam os indivíduos analfabetos como “objetos” que precisariam ser “domesticados” para suprir as grandes demandas econômicas do país.

Por isso, a pesquisa em questão, por meio do método autobiográfico, se propõe a dar voz a esses indivíduos que por muito tempo se viram prejudicados por essas falhas sistemáticas. Por meio das narrativas de vidas dos participantes da pesquisa, pretende-se levantar hipóteses reflexivas e colocá-los como autores da sua própria história e fazer com que eles vejam o valor transformador que a educação tem em suas vidas mesmo que esse direito tenha sido negado a eles durante muito tempo.

Direito à educação, é uma fermenta necessária para o autodesenvolvimento e exercício à cidadania do ser humano, além de ser uma porta de entrada no mercado de trabalho, deve preparar o indivíduo para se tornar um ser autônomo e crítico. Esse direito segundo o artigo 205 da Constituição Federativa Brasileira, de 1988, deve ser exercido por todos.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2020), das 50 milhões de pessoas com idades entre 14 e 29 anos, dez milhões, ou seja, 20% delas, não tinham terminado alguma das etapas da educação básica. Esses dados nos levam a uma

reflexão sobre o sistema educacional e sobre o artigo citado a cima, será mesmo que a educação é para todos? Qual o papel dela na sociedade? Quais motivos levam a esse número exagerado de crianças e adolescentes de não concluírem os estudos?

Sabe-se que, a educação é para todos somente na teoria, quando nos deparamos com uma criança negra, pobre e periférica nas ruas, trabalhando invés de estar na escola descobrimos que, na prática educação nunca foi para todos e que essa falha proporcional do sistema influenciará diretamente na vida dessa criança futuramente. Por tanto, a pesquisa buscará desvendar por meio das narrativas de vidas dos alunos da EJAI quais motivos os levaram a evadir da escola em um primeiro momento.

De acordo com a cronologia histórica da EJA, observa-se que ela foi conduzida nos pilares de uma visão compensatória, utilitarista, emergencial, descontínua e construída, em que do ponto de qualidade do processo educacional foi instaurada sob demandas de políticas educacionais frágeis e aligeiradas e de baixo custo, visando a alfabetização e a capacitação de mão de obra, desvinculada da educação básica.

Com a instauração da LDB, a EJAI passa ser atribuída novas concepções e totalmente oposto o que já havia sendo desenvolvido, agora ela passa a superar a concepção aligeirada, compensatória e supletiva da escolarização. Machado (2009, p. 20) afirma que a aprovação da nova LDB “é um ponto-chave na chamada reconfiguração do campo”, pois lhe é conferido um lugar de destaque que pressupõe e reafirma o direito de jovens, adultos e idosos à escolaridade, responsabilizando o Estado pela sua oferta.

Por tanto, a LDB, esse ato constitucional, foi um avanço significativo na vida desses sujeitos que por tempos foram excluídos e colocados à margem da sociedade, no qual a partir da homologação do documento eles passam fazer inferência ao pleno desenvolvimento da pessoa como destaca o artigo 2º do documento:

Art. 2º Com o objetivo de possibilitar o acesso, a permanência e a continuidade dos estudos de todas as pessoas que não iniciaram ou interromperam o seu processo educativo escolar, a oferta da modalidade da EJA poderá se dar nas seguintes formas:

- I – Educação de Jovens e Adultos presencial;
- II – Educação de Jovens e Adultos na modalidade Educação a Distância (EJA/EaD);
- III – Educação de Jovens e Adultos articulada à Educação Profissional, em cursos de qualificação profissional ou de Formação Técnica de Nível Médio;
- IV – Educação de Jovens e Adultos com ênfase na Educação e Aprendizagem ao Longo da Vida.

Com isso, apesar da EJAI ainda assumir um papel inferior mediante as outras modalidades de ensino, observa-se que com a implementação da LDB e o espaço que o ensino

de jovens, adultos e idosos ocupam nela representa um avanço enorme no desenvolvimento educacional desses sujeitos, pois agora eles passam a ter uma representação institucional que garante o acesso e permanência deles nas escolas.

Para agregar a pesquisa, no capítulo a seguir, buscarei trazer algumas experiências que foi vivenciada por mim enquanto professor no processo formativo, no qual destacarei que o ensino de jovens, adultos e idosos foi promissor e contribui nesse processo.

3 PESQUISA NARRATIVA: caminhos trilhados na construção da formação docente

A pesquisa em questão foi realizada com alunos da EJAI da escola Unidade Escolar Presidente Dutra, escola esta que atende a rede municipal de ensino localizada no povoado Araras do município de Araiases, Estado do Maranhão. Os participantes da pesquisa eram alunos da EJAI do ensino fundamental, séries iniciais e que incluíam todas as turmas dessa etapa de ensino desde o 1º ao 4º ano, e contava com minha participação como professor da unidade escolar.

Segundo Clandinin e Connelly (2011), as histórias que vivenciamos no ato de conta-las assumem um papel fundamental de nos educar e educar os outros e assim, a partir delas podemos inferir e criar novas histórias.

As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém- pesquisadores em suas comunidades. (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 27)

A pesquisa narrativa se tornou um método no campo da pesquisa educacional que vem contribuindo em trabalhos acadêmicos e pedagógicos, pois seguindo a linha de raciocínio das autoras, por meio das histórias de vida e no contar delas as pessoas se reafirmam buscando sua própria identidade e assim criando novas histórias. No entanto, a perspectiva narrativa não é meramente contar uma história, é uma forma de viver, uma forma de vida e assim e a “experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.49).

3.1 Narrativas de um professor em formação na sala de aula

Escrever narrativamente redimensiona os indivíduos a uma dimensão de escuta reflexiva, como se tivesse contanto para si próprio suas experiências e os saberes que foi aprendido e construídos ao longo de sua trajetória, através do conhecimento de si (Souza, 2004). Contar narrativamente nossas experiências possibilita-nos uma visão ampla do que se construiu ao longo do tempo, o que aprendeu, o que foi deixado de ser aprendido e o que se deve aprender. Quando contamos nossas histórias, estamos contando a partir de um meio histórico social, por tanto é em sociedade em contato com outro que vamos adquirindo certas experiências e conhecimentos.

Segundo Ferrarotti (2010, p. 44), o sujeito “reapropria-se do seu meio social, o mediatiza, filtra-o e volta a traduzi-lo, projetando-se numa outra dimensão, que é a dimensão psicológica da sua subjetividade”. A subjetividade é entendida como um fator primordial que sustenta as narrativas autobiográficas o que nos torna único, porém, mais do que isso, nos torna seres sociais em que cada um de nós, como indivíduo, está imerso. É com essa visão subjetiva que, ao olharmos para as narrativas autobiográficas, podemos perceber ligações com o social, com as circunstâncias e urgências vividas pelas falas evidenciadas. Por tanto, as narrativas não podem ser reduzidas a um subjetivismo, mas conectá-las com o mundo exterior, fazer referências ao contexto social e de uma história de vida.

Quando um professor recém-formado começa sua jornada em sala de aula, ele traz uma bagagem teórica muito vasta e que poderá ser aplicada na prática. É em contado com a ambientação da sala, as trocas de conversas com os alunos, o bate papo com o zelador e com as reuniões de planejamento com o corpo docente que ele vai adquirindo certas experiências. Esse processo dinâmico entre subjetividade e o social que faz com que ele vá adquirindo suas experiências e assim contribuindo de forma significativa para sua formação.

O método autobiográfico, por meio das narrativas e histórias de vida, instiga-nos a uma forma de auto exploração e autorreflexão, tratando de compreender melhor nossa própria identidade, emoções e experiências. A importância de falar sobre o que se passa no dia a dia é necessária, pois é por meio dessas falas que conseguimos expressar as emoções e refletir sobre o processo formativo.

De forma subjetiva reitero que, atuar na EJAI e ajudar na formação dos alunos foi o momento em que mais pude me reinventar como profissional. É conhecimento de todos que o processo de formação de jovens, adultos e idosos no Brasil se tornou algo de interesses

econômicos e políticos, tão tal como aconteceu na revolução industrial e por isso, o público dessa modalidade de ensino era visto como marionetes do sistema e raramente eram levados a sério. Por esse motivo, se tornou um grande desafio trabalhar com pessoas dessa natureza, pois se tratava de uma realidade totalmente diferente do público que já havia trabalhado. Por outro lado, por ser algo desafiador, possibilitou-me aguçar, desvendar e trabalhar com métodos que pudesse suprir as necessidades dos alunos.

Um dos desafios encontrados foi fazer com que os alunos se conectassem com um mundo contemporâneo sem que eles perdessem sua identidade, pois se tratavam de pessoas que já traziam um certo conhecimento acerca do mundo e uma carga cultura rica. No entanto, era necessário que eles acompanhassem e se inserissem na realidade atual. Para Paiva (1999, p. 522), é necessária uma alfabetização com autonomia, em que o aluno tenha:

Domínio suficiente para, em processo de aprendizado continuado, se manter em condições de acompanhar a velocidade e complexidade do mundo contemporâneo, que exige aprender continuamente, por toda a vida, ante o avanço do conhecimento e a permanente criação de códigos, linguagem e símbolos e de sua recriação diária.

Embora o assunto em torno da EJA e as políticas públicas voltadas para esse público tenha evoluído, o que pude perceber durante minha estada em sala de aula, é que o currículo da EJA se preocupa em formar pessoas para o mercado de trabalho, o que é de suma importância na vida do indivíduo, mas não podemos desvincular como meio de formar pessoas intelectuais que possa agir em sociedade e se tornarem autônomas e críticas.

3.2 Proposta Didática: um percurso pela produção de sentido na EJAI

Como salientado durante todo o texto, o aluno da EJAI, ao retornar à escola, apresenta certos conhecimentos adquiridos durante o tempo que esteve distante dela, além de ser um público plural e diversificado, como destaca Loch (2009):

Quando visitamos uma sala de aula da EJA nos deparamos com as mais diferentes pessoas: jovens e adultos com deficiência, trabalhadores, mães e pais, avós de 60 e 70 anos, todos em busca de desejo em aprender mais. Estes jovens e adultos foram excluídos do processo educacional e em suas diversidades almejam alcançar seus objetivos (LOCH, 2009, p. 19).

Com esse público heterogêneo, com aporte cultural próprio, os professores lançam-se ao desafio de planejar o ensino desses alunos para que eles possam de forma satisfatória aprender o conteúdo. Por tanto, é necessário que haja por parte do profissional que atende a esse público um preparo na forma de ensinar que os prendam e aflore neles o prazer de aprender, não se atendo somente aos métodos tradicionais, mas fazendo uma intercalação entre o ensino sistemático e os conhecimentos advindos dos alunos. Pois “embora estas diferenças pareçam marcar uma dificuldade a mais para planejar o ensino na EJA, podemos reverter este pensamento considerando de forma positiva estas diferenças na sua potencialidade” (LOCH, 2009, p. 19).

Quando comecei a ministrar aulas para os alunos, pude observar neles o desejo em querer aprender o que muito já havia esquecido e com isso tratei de planejar o ensino. Alguns deles sabiam ler e escrever, mas não sabiam interpretar os textos, outros, não sabiam ler e escrever, mas possuíam a vontade de querer aprender. Comecei as aulas com o ensino tradicional, os métodos já utilizados por muitos profissionais da educação como a decodificação de letras e sílabas. Para os alunos do primeiro nível, correspondente ao 1º e 2º ano disponibilizava por exemplo cartilhas prontas com o alfabeto e a família silábica. Já para os alunos do segundo nível, correspondente ao 3º e 4º ano optei em textos curtos para trabalhar a leitura deles.

No entanto, no decorrer das aulas, observei que alguns dos alunos não estavam conseguindo apreender os conteúdos e perdendo o gosto em querer aprender, com isso tive que me reinventar e buscar propostas para cativá-los e fazer com que eles voltassem a ter à vontade em querer aprender.

A partir dessa problemática, comecei a pensar em propostas pedagógicas que pudesse atrair a atenção dos alunos e que não se prendesse ao mero ensino de memorização. Com isso, um dos pontos observado foi o perfil dos alunos e dentre eles tinham artesã, pescadores, religiosos e carpinteiro.

Portanto, pensando em como trabalhar o ensino, a partir das minhas constatações resolvi elaborar propostas pedagógicas voltadas para a cultura dos alunos, ou seja, trazer à sala de aula a realidade deles. Freire (1995) nos alerta quanto essa importância de conhecermos a realidade que vive o alunado.

Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à 99 maneira como pensam; dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem. (FREIRE.1995. p. 79).

Um dos pontos que levei em consideração no planejamento das atividades foi a realidade que os alunos vivenciavam e resolvi trazer para agregar ao ensino deles. No povoado, existe uma produção cultural de farinha de mandioca muito grande onde todos os alunos faziam parte dessa produção. A partir desse pressuposto, propus atividade que agregasse o conhecimento acerca dessa atividade cultural da produção de farinha.

FIGURA 1 – Atividade realizada com alunos do EJA1

ESCOLA: UNIDADE ESCOLAR PRESIDENTE DUTRA
 PROFESSOR: FRANCISCO COSTA
 TURMA: EJA 3º/ 4º ANO
 ALUNO:

**ATIVIDADE DE HISTÓRIA
 HISTÓRIA DA CASA DE FORNO**



- EXPLIQUE.
- 1) O QUE VOCÊ CONSEGUE VER NESSA IMAGEM?
 - 2) PARA VOCÊ, O QUE ESSAS PESSOAS ESTÃO FAZENDO?
 - 3) VOCÊ CONHECE SOBRE O PROCESSO DE FAZER FARINHA?
 - 4) QUAIS MATERIAIS SÃO UTILIZADOS NA CASA DE FORNO?

A atividade em questão faz parte do componente curricular de História e tinha como objetivo principal trabalhar a escrita e a leitura dos alunos, visto que, eles apresentavam certa dificuldade a respeito dessas habilidades, além de fazer com que eles se sentissem protagonistas do seu processo de aprendizagem. Os alunos matriculados resolveram voltar à escola para suprir suas necessidades de aprender ou ao menos voltar a aprender a ler e escrever para se sentirem realizados na sociedade, capazes de interagir nela sem ajuda de terceiros.

Diante desse contexto, o conhecimento de habilidades de leitura e de escrita surge como um passo inicial para o acesso à informação e para a participação em conexões

interativas, intergrupais e interpessoais, constituídas sob o impacto da globalização (SERAFIM, DA SILVA, pag. 2, 2005).

Perante as observações feitas, era necessário trabalhar a leitura e a escrita com os alunos com um viés diferenciado que pudesse atrair a atenção deles, por isso, introduzir a farinhada ao conteúdo escolar foi uma forma de aguçar a curiosidade e prender a atenção dos alunos ao conteúdo abordado, uma vez que, um dos propósitos da atividade era fazer com que os alunos narrassem o processo da produção de farinha, assim tornando a aula mais interativa e dialógica, ocorrendo então uma troca de conhecimento entre o aluno e o professor.

Trabalhar a leitura e escrita com alunos a partir da sua realidade utilizando de recursos que possam agregar no entendimento deles é de suma importância para o seu desenvolvimento. Trazer para a sala de aula assuntos como direito à cidadania e participação política é de extremamente relevância, pois estamos inseridos num contexto globalizado onde as grandes camadas econômicas têm um único e exclusivo propósito, a exploração de mão obra barata. Freire (1996), reforça esse pensamento quando propôs em associar os conteúdos escolares com a realidade dos alunos:

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes nas áreas pobres da cidade? (FREIRE, 1996, p.33-34).

A importância de agregar a realidade dos alunos no contexto escolar deles, assume uma posição de extrema relevância no que diz respeito a sua aprendizagem, pois eles estarão inseridos em um universo no qual eles já fazem parte e com isso terá um desenvolvimento cognitivo satisfatório, capaz de suprir as demandas escolares com mais fluidez, como desenvolvimento da atenção, da leitura e escrita.

4 NARRATIVAS DO ALUNOS DA EJAI: marcas da relação com a escola e a vida

A coleta de dados da pesquisa se deu por meio de questionário em forma de entrevista para os alunos participantes da pesquisa. A entrevista acontecia espontaneamente durante as aulas para que os alunos se sentissem à vontade para responder com facilidade as

perguntas, tendo em vista que, se tratava de um público de alunos com faixa etária diferente em que alguns apresentavam uma repulsa para responder as perguntas.

A entrevista foi gravada por meio de um gravador de voz utilizando o celular e com o consentimento de todos os entrevistados. As perguntas tinham como finalidade conhecer um pouco mais sobre os alunos, buscando saber a respeito da sua história de vida antes de voltarem à escola e suas experiências durante o tempo que ficaram distante e sua volta a sala de aula e como a essa volta impactou sua vida.

Apliquei o questionário em forma de entrevista gravada com 04 (quatro) alunos da EJAI matriculados nos 1ºs e 2ºs ciclos do ensino fundamental que corresponde ao 1º e 2º ano, 3º e 4º anos, respectivamente. Para resguardar a identidade dos alunos participantes da pesquisa, optei por utilizar um codinome para cada um.

A seguir, apresento o quadro com o questionário e as respostas obtidas pelos alunos.

Quadro 1- Qual seu nível de escolaridade antes de iniciar os estudos na EJAI?

Sia	8ª série
Madona	4ª serie
Michael Jackson	Nunca estudei
Beyoncé	Estudei até o 2º ano do ensino médio.

Ao se tratar de estudante de EJAI, tomamos como referência a pluralidade de sujeitos que fazem parte dessa modalidade de ensino. No ato da matrícula, os estudantes participantes da pesquisa não possuíam documentos que comprovassem a série que cada um parou de estudar e por esse motivo todos tiveram que iniciar os estudos do início o que nos levou a buscar saber em qual série eles pararam de frequentar a escola.

Um dos motivos que foi constatado é que os estudantes abandonaram a escola sem aviso prévio. Ao serem indagados sobre seu nível de escolaridade antes de voltarem à escola obtive diferentes respostas onde cada um dos estudantes parou de estudar em séries diferentes e que podemos atribuir diferentes interpretações. Primeiro que os estudantes Sia e Madona não chegaram a concluir o ensino fundamental e o estudante Michael Jackson sequer frequentou a escola, o que é um fator preocupante a respeito da vida escolar desses alunos e como esse distanciamento da escola prejudicou em sua aprendizagem. Por outro lado, a estudante Beyoncé teve a oportunidade de estudar até o 2º ano do ensino médio.

Quando nos deparamos com situações de abandono escolar dessa natureza refletirmos o que levou esses alunos a evadir da escola tão cedo. Para tentarmos entender esse fenômeno, precisamos nos ater a um contexto sócio histórico desses indivíduos. Conforme aponta Arroyo (2001, p. 10), “os olhares sobre a condição social, política, e cultural dos alunos de EJA têm condicionado as diversas concepções da educação que lhes é oferecida, os lugares sociais a eles reservados –marginais, oprimidos, excluídos, empregáveis, miseráveis”. Portanto, esses conceitos destinados aos alunos da EJA foram construídos a partir de momento histórico, no qual grande parte desses alunos se viam na condição de abandonar a escolar por causa de fator econômico e de sobrevivência, como veremos a seguir a partir dos seguintes quadros.

Quadro 2 - Quais motivos os levou a parar de frequentar à escola?

Sia	<i>“Porque era longe e era a noite e eu tinha medo de ir sozinha e nossa mãe não deixava porque tinha tanta coisa para fazer, era em roça, era em qualquer canto, eram nós”.</i>
Madona	<i>“Porque era difícil a gente ir para Cana Brava, era longe não tinha carro, tinha que ir de bicicleta, ir caminhando, às vezes”.</i>
Michael Jackson	<i>“Minha mãe quando a gente queria estudar, a mamãe colocava a gente pra roça, pra pescar. Eu cansei de chorar, se isso é pecado, eu peço perdão ao meu Deus a minha mãe, mas toda culpa está na minha mãe. Eu tinha vontade, eu e minhas amigas ganhava o brejo lá na Juçara, a gente fazia sacolas de nó era uma renda nossa. Eu comprava meu caderno, minha carta do ABC, mas nossa mãe não deixava a gente estudar ela disse que a gente ia para mandar cartas para os meninos”.</i>
Beyoncé	<i>“Porque eu tive que parar para trabalhar e possuir minhas coisas sem depender dos outros, meu sonho era trabalhar”.</i>

Para compreender os estudantes da EJAI, é necessário entender os motivos que os levaram a parar de frequentar à escola e o que fez esse aluno voltar a querer a estudar. Ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a desistir de estudar no tempo regular, todos apresentam semelhantes respostas. A narrativa que se evidencia entre os estudantes Sia, Michael Jackson e Beyonce é a respeito do trabalho e isso está ligado fortemente com a sobrevivência desses indivíduos, ou trabalha ou passa fome. De acordo com as falas apresentadas pelos estudantes Sia e Michael Jackson, a influência materna representa um fator importante para o abandono escolar desses alunos. Por outro lado, o fator econômico aparece

durante todas as narrativas e talvez se caracterize como o principal na desistência escolar desses alunos.

Os alunos dessa modalidade de ensino apresentam uma defasagem em seu desenvolvimento cognitivo muito grande, isso se dá causa da longa jornada que eles tiveram sem acesso à escola o que ocasionou em um atraso educacional considerável em sua vida. Como fica evidente nas narrativas apresentadas pelos estudantes, foram diversos fatores que os levaram a abandonar a escola, como a falta de incentivo da família e das repartições públicas, a sobrevivência caracterizada como a mão de obra, a falta de políticas públicas voltadas para esse público e a falta de transportes que dificultava o acesso à escola.

Por outro lado, cabe a nós, agentes educadores refletir sobre nosso fazer pedagógico e como podemos fazer com que esse aluno permaneça na escola. Podemos aludir que as metodologias desenvolvidas pelos professores e o papel destes na vida dos alunos pode contribuir com o ensino. PEDRALLI, CERUTTI-RIZZATTI (2013, p. 702) afirma que:

A nosso ver, tal fenômeno não é reflexo da incapacidade de automotivação ou da ineficiência da tentativa de motivação de outrem para a permanência do aluno no espaço escolar, tampouco é causal a falta de esforço por parte dos educandos; tendemos a crer no movimento contrário: a evasão é consequência desse processo, o reflexo de uma realidade vivida por essas pessoas nos ambientes de escolarização.

Como veremos, a seguir observaremos diferentes motivos para o retorno ao ambiente escolar, justificadas devido às idades diferentes além de diferentes origens, histórias, realidades e expectativas. Toda essa complexidade configura-se em dificuldades em compreender as particularidades desse grupo tão diversificado. Para que se entenda é necessário que haja uma reflexão sobre os motivos que os fizeram retornar ao ambiente escolar.

Quadro 3- Quais motivos os levou a voltar à escola?

Sia	<i>Porque queria ter uma vida melhor, queria não, quero. E queria aprender um pouco mais do que eu já sabia.</i>
Madona	<i>Porque queria aprender um pouco mais.</i>
Michael Jackson	<i>Porque queria aprender a ler e a escrever.</i>
Beyoncé	<i>Por que sempre sonhei em ser um engenheiro. Hoje trabalho como carpinteiro, mas queria ser algo melhor.</i>

A volta à escola dos alunos de EJAI está relacionada com o planejamento para o futuro e as difíceis dificuldades encontradas em sua realidade. Com isso, eles passam a tomar consciência da importância da educação em sua vida e a necessidade de concluir os estudos para que possam voltar a adquirir o respeito na sociedade e conseguir um trabalho minimamente digno e assim proporcionar uma vida melhor à família. É como se eles passassem a enxergar a educação formal como o único meio para uma nova realidade.

O que se observa nas falas apresentadas são motivos variados quando se questiona a respeito da volta à escola. Alguns apresentam o prazer e a vontade de voltar a aprender o que já havia aprendido, mas que foi esquecido ao decorrer do tempo que passou longe da escola e isso está relacionado com o desejo de se integrar na sociedade de forma mais humana, passando a ser mais autônoma em suas próprias decisões.

Percebe-se que a escolarização do aluno jovem, adultos e idosos está presa no ciclo vicioso na relação entre educação e trabalho, no qual “a necessidade de abandonar a escola para trabalhar e a posterior constatação de que, como ficou com baixa escolaridade, encontrarão significativas dificuldades em conseguir melhores posições profissionais, mantendo por vezes gerações aprisionadas ao trabalho informal e aos subempregos” (NAIFF, L; NAIFF, D, 2008, p. 406).

No entanto, o que se infere a partir das narrativas dos alunos participantes da pesquisa é o desejo de querer aprender a ler e a escrever, ou ao menos voltar a aprender o básico. Para isso acontecer, esses alunos enfrentam uma luta diária com o sistema que diz que com a idade que eles apresentam não conseguirão a aprender e muitos acabam desistindo de frequentar à escola.

Ao escutarmos narrativas como essas, refletimos sobre a vida de *Murage*¹, um soldado queniano que, aos 84 anos de idade, lutou para aprender a ler e a escrever, e que assim como os alunos que deixaram de ir à escola para trabalhar, ele era um guerrilheiro que lutou contra os opressores britânicos que, desde 1888, oprimia seu país e por esse motivo passou sua adolescência lutando. Por isso, os alunos envolvidos na pesquisa tinham uma visão ampla do que a educação representava para eles justamente porque não conseguiram ter total acesso a ela no seu tempo de mocidade. Quando perguntamos aos entrevistados sobre o que pensavam da educação, obtivemos as seguintes respostas.

¹ Principal personagem do filme cujo título original: *The First Grader* (Uma Lição de Vida). Biografia, Drama **Direção:** Justin Chadwick **Roteiro** Ann Peacock **Elenco:** Oliver Litondo, Naomie Harris, Tony Kgoroge, 2010.

Quadro 4- Qual sua opinião sobre à educação?

Sia	<i>“Ser formado para não está trabalhando no grosso e trabalhar mais maneiro, e se eu tivesse desde o início eu teria uma vida melhor”.</i>
Madona	<i>“Hoje a educação tá mais fácil pra as pessoas, tem carro na porta, hoje tem merenda nas escolas”.</i>
Michael Jackson	<i>É a melhor coisa que tem, quando a pessoa sabe ler e escrever consegue uma vida melhor.</i>
Beyoncé	<i>“A melhor coisa que a gente tem é a educação que nossos pais dar pra gente”.</i>

Pode-se perceber que, de acordo com as narrativas dos alunos, a educação representa um fator primordial na vida do ser humano e que por meio dela podemos conquistar algo melhor em nossas vidas. Os estudantes Sia e Michael Jackson fazem questão de destacar que a educação seria um dos meios na qual eles teriam a possibilidade de conseguir uma vida melhor e reforça que em determinado momento esse direito lhe foi negado. Já a estudante Madona reforça a acessibilidade de acesso à educação nos tempos atuais, coisas que não teve no tempo que estudava no ensino regular, como transporte e merenda, enquanto o estudante Beyoncé enfatiza a importância da educação familiar advinda dos pais.

De acordo com as análises feitas das narrativas anteriores, percebe-se que os alunos encontraram diversos empecilhos em concluir os estudos no tempo regular, seja por fatores econômicos, seja por resistências dos pais em deixarem os filhos frequentarem a escola por causa de preconceitos estruturais de uma sociedade machista que tinham a escola como um ambiente improdutivo e local para encontros amorosos ou até mesmo por falta de políticas públicas que garantisse a permanência desses alunos na escola o que atribuiu a esses alunos uma imagem negativa na sociedade.

Cabe aqui ressaltar que a educação voltada para jovens, adultos e idosos surge como uma necessidade política e econômica não havendo uma preocupação em formar cidadãos críticos e autônomos. Talvez esse fator seja um dos grandes problemas que fez com que esse público de alunos demorasse tanto a retornar à escola e dessa forma ficando as margens da sociedade. Por outro lado, destacamos a importância e a preocupação de Paulo Freire em formar pessoas críticas numa sociedade mais justa e igualitária onde nessa época inúmeros programas voltados para a educação de jovens e adultos, após a experiência freiriana foram desenvolvidos, porém não foram valorizados até pelos regimes governantes da época.

Por isso, alguns alunos sentiram a necessidade de voltar à escola para que eles pudessem conquistar novamente o respeito da sociedade, não o respeito no mercado de trabalho, mas o de ser visto com novos olhares e de conseguirem agir por si só. A respeito das marcas narrativas dos alunos em questão, observa-se que, a educação que eles buscam é voltada para a formação humana e a formação de valores o que é fortemente defendida por Freire (2002, p. 193):

Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos direitos à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser.

Os alunos que estavam matriculados na EJAI, possuíam o desejo de voltar a aprender os princípios básicos para se integrar novamente na sociedade, o de aprender a ler e escrever. Para isso, resolvi comparar ao perguntar sobre seus níveis de leitura e escrita deles antes e após sua retornada à escola. A respeito disso obtive as seguintes respostas.

Quadro 5- Como era seu nível de leitura e escrita antes de voltar à escola?

Sia	<i>“Mais ou menos”</i>
Madona	<i>“Tinha dificuldade em entender textos”.</i>
Michael Jackson	<i>“Nunca aprendi a ler e escrever. Se hoje em dia meus filhos não sabem ler foi porque não quiseram, porque não passou um dia que meus filhos não fossem à escola. A pessoa que sabe ler e escrever consegue qualquer emprego bom”.</i>
Beyoncé	<i>“Minha leitura era boa e minhas letras também”.</i>

De todos os aspectos que requerem atenção na EJAI, a leitura e escrita se enquadram nas mais importantes habilidades a serem desenvolvidas por eles, uma vez que, eles resolvem retornar à escola por sentirem a necessidade de se alfabetizarem e se desenvolverem socialmente e profissionalmente.

O que se buscou aqui foi saber como os alunos se analisavam ao chegarem à escola após sua longa jornada fora dela. O que se observa é que essas habilidades foram comprometidas ao longo do tempo. Quando questionados a respeito da leitura e escrita deles antes de resolverem retornar à escola, compreende-se que eles apresentavam dificuldades nas duas habilidades, pois ler não se limita somente ao ato de codificação e memorização de palavras é necessário que aluno possa fazer inferências a partir do que se lê e assim se tornar não somente uma pessoa alfabetizada, mas uma pessoa letrada.

Ao levantar questionamentos aos alunos a respeito do seu processo de aprendizagem e encontrar diversas dificuldades, me volto para o papel do professor e como eram as abordagens em sala de aula e as dificuldades que eles encontravam durante os anos que lecionavam. Pois é de conhecimento de todos que o profissional que atua em sala de aula é mal valorizado e duramente cobrado para formar um aluno competente, mesmo sabendo que esse seria um trabalho árduo. Com relação ao estudo, Freire (1961) afirma que “estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática”.

O aluno Sia em sua resposta não é preciso e dificilmente podemos atribuir uma análise aprofundada a respeito das habilidades em questão, porém com as respostas anteriores obtidas por ele, percebe-se que tais habilidades ele já havia desenvolvido e precisava somente “reaprender” o que já havia esquecido e esse esquecimento se dar justamente por ele não está frequentando a escola, pois conforme Kleiman (1995, p. 20), a escola se constitui como “[...] a mais importante das agências de letramento [...]”.

Já em relação ao estudante Madona, observa-se que a dificuldade encontrada já não estava mais em reaprender e sim em compreender os textos, pois de acordo com a resposta obtida, infere-se que ela dominava a leitura e a escrita, porém não compreendia o que os textos repassavam. Quando se trata de pessoas pobres, de interiores, com baixa renda e com perspectiva de vida baixa, o letramento sempre foi dificultoso, impossibilitando essas pessoas de acessar determinados locais. De acordo com Soares (2004), o acesso ao mundo letrado, para as camadas populares, em geral, é dificultado ou até mesmo impossibilitado, restringindo-se à alfabetização, pois “[...] ao povo permite-se que aprenda a ler, não se lhe permite que se torne leitor” (SOARES, 2004, p. 25).

Para tanto, é necessário saber se esses alunos conseguiram alcançar tais objetivos e para isso quando perguntados sobre como ficou sua leitura e escrita após essa volta à escola me deparei com as seguintes respostas.

Quadro 6 - Como está sua leitura e escrita após voltar à escola?

Sai	<i>“Continuo a mesma coisa, eu tinha quase esquecido o que eu já sabia, as letras por exemplo eu confundia as vezes com outras eu só relembrei o que eu já sabia”.</i>
Madona	<i>Melhorou mais, consigo entender os textos agora e melhorou minha escrita. Agora consigo escrever mais, textos pequenos, mas consigo.</i>
Michael Jackson	<i>Ainda não aprendi a ler e escrever</i>
Beyoncé	<i>Melhorou mais, eu era meio rudo em português, matemática eu era mais ou menos.</i>

Se tratando de aluno de EJAI, o primeiro objetivo a ser alcançado por eles é aprender a ler e escrever. Assim, para tanto, o papel do professor exerce um fator primordial nesse processo, pois esse público se encontra no momento de sua vida onde devem conciliar estudo com trabalho. Os alunos em questão não possuem trabalho formal, mas precisam durante o dia cuidar da casa, roçar e outros afazeres domésticos, uma vez que, estamos tratando de pescadores, agricultores e dona de casa. Com isso, o professor encontra seu maior desafio, o de fazer os alunos permanecerem na escola e para que isso aconteça requer preparo, planejamento para que os alunos possam se sentirem interessados e atraídos nas aulas.

Na alfabetização de adultos, como na post-alfabetização, o domínio da linguagem oral e escrita constitui uma das dimensões do processo da expressividade. O aprendizado da leitura e escrita, por isso mesmo, não terá significado real se faz através da repetição puramente mecânica de sílabas. (FREIRE, 1961, p.20)

Ao me deparar com os alunos, percebo que alguns deles tiveram pouco contato com a leitura e escrita na infância, por isso a dificuldade na aprendizagem será maior para se incluir nesse universo tão importante para a comunicação e desenvolvimento. No entanto busquei alcançar alguns objetivos e um deles foi fazer com que eles pudessem se expressar e interagir na turma para facilitar o processo de aprendizagem deles. Com isso, elaborei uma atividade voltada para as experiências e universo dos alunos.

Figura 2 – fotografia registrada na aula de artes sobre no meu tempo de criança



A imagem a cima é referente a uma atividade desenvolvida no componente curricular de Artes. A atividade consistia em fazer com que o aluno relembresse seu tempo de infância através de um objeto que ele tivesse guardado ou confeccionado por ele mesmo. Uma das alunas optou por trazer uma rede feita com palha de buriti. Na aula ela explicou com detalhe como se deu a produção da rede e explicou que aprendeu a fazer com sua mãe desde muito criança. Já o aluno da imagem apresentou um carro feito com talo de buriti. Ele relatou que o carro remetia a sua infância porque era uma de suas brincadeiras, confeccionava carrinhos de talo de buriti e brincava as vezes sozinho ou com os irmãos.

A partir dessa abordagem pedagógica, comecei a trabalhar com a leitura e escrita buscando elementos do cotidiano dos alunos, como a produção da farinha de mandioca para que as aulas fizessem sentidos para eles, pois era necessário que alunos se sentissem incluídos no processo de aprendizagem e com isso garantir a permanência destes na escola.

De acordo com as narrativas dos alunos, o nível de aprendizagem deles no que diz respeito a leitura e escrita ocorreu uma melhora significativa, pois alguns deles conseguiram aprender coisas que haviam esquecidos e que passaram a compreender melhor os textos, passaram a não confundir mais as letras. No entanto, temos um caso especial do aluno 3 que destaca que não conseguiu aprender a ler e escrever, mas vale destacar que esse aluno nunca teve oportunidade de frequentar a escola e conseguir se alfabetizar, tal fato contribuiu para que ele até o presente momento não houvesse obtido êxito.

A respeito disso, destaco minha posição enquanto professor desses alunos e professor em formação que está em constante aprimoramento e buscando sempre inovação no ensino e de alguma forma ajudar no desenvolvimento intelectual dos deles. Busquei sempre em minhas abordagens ter um olhar sensível pelos alunos, pois apesar de eles apresentarem uma defasagem muito grande no ensino, era evidente a vontade que possuíam em querer aprender, por isso, “o professor além de ser letrado precisa ter conhecimento necessário para agir como um verdadeiro agente social, pois é um gestor de recursos e saberes desta forma usara seu conhecimento para fazer o aluno refletir sobre a escrita e ganhar o gosto pela mesma” (CARRANO, 2000, p 10).

Educar não se limita em reunir pessoas numa sala de aula e transmitir-lhes conteúdo. É preciso que o professor, especialmente o professor que atua na EJAI, compreenda melhor seu aluno e a realidade que ele vivencia, acreditar nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional. E de dessa forma, mesmo que com diversas dificuldades pude perceber um certo desenvolvimento do aluno, e por isso busquei saber a respeito da visão que eles tinham sobre a EJAI e se ela contribuiu em seu desenvolvimento.

Quadro 7 - Você acha que a EJA te ajudou de alguma forma? Como?

Sia	<i>“Ela me ajudou e me incentivou a querer a continuar a estudar e melhorar meu futuro e acho que ela muito importante porque ela ajuda quem está atrasado nos estudos a subir mais um pouco”. “E gostaria que a EJA continuasse”</i>
Madona	<i>Tinham coisas mais interessantes, tinham coisas que tu explicava pra gente que a gente entendia um bocadinho de coisas e a gente aprendeu cada um pouquinho. Acho que deveria continuar, ela ajudou a gente com caderno, lápis, livros. Mas falta melhorar um pouco mais.</i>
Michael Jackson	<i>Ajudou um pouco, me incentivou a querer a aprender a ler e fazer meu nome.</i>
Beyoncé	<i>Ajudou muito, me ensinou coisas que eu tinha esquecido.</i>

A história da EJA para se constituir como uma modalidade de ensino no Brasil, apresenta diversas variações ao longo do tempo, tendo uma ligação estreitamente com fatores sociais, econômicos e políticos. A sociedade elitista do país desde o período colonial até ligação estreitamente com fatores nos dias da república, buscava sempre um ensino que priorizasse mesmo que indiretamente seus valores, e com isso, implementando um sistema educacional voltado para formação de pessoas com mão de obra barata e não se preocupando com o desenvolvimento intelectual da sociedade em geral.

Desde a década de 1930 até os dias atuais, a EJAI passa por grandes problemas para ser reconhecida como uma modalidade de ensino. Primeiro que o ensino na EJAI funciona como um programa e os recursos destinados a ela são poucos o que contribui para o mal desenvolvimento do ensino, segundo que os alunos que participam do programa enfrentam uma série de preconceito, pois perante a sociedade, eles são considerados pessoas inferiores, marginais, incapazes e que dificilmente terá algum retorno positivo.

Ao serem questionados a respeito da EJAI, os alunos destacam a importância que ela teve em suas vidas, pois ela foi uma ponte condutora e incentivou-os a darem continuidade aos estudos. Todavia, é necessário destacar que ainda falta muito o que melhorar, buscar políticas que agreguem o ensino de forma ampla e que a inclua nos documentos norteadores, pois ainda prevalece o mito de que a alfabetização por si só promove desenvolvimento social e pessoal. VIEIRA (2004, p. 85-86), destaca que:

Mesmo reconhecendo a disposição do governo em estabelecer uma política ampla para EJA, especialistas apontam a desarticulação entre as ações de alfabetização e de EJA, questionando o tempo destinado à alfabetização e à questão da formação do educador. A prioridade concedida ao programa recoloca a educação de jovens e

adultos no debate da agenda das políticas públicas, reafirmando, portanto, o direito constitucional ao ensino fundamental, independentemente da idade. Todavia, o direito à educação não se reduz à alfabetização. A experiência acumulada pela história da EJA nos permite reafirmar que intervenções breves e pontuais não garantem um domínio suficiente da leitura e da escrita. Além da necessária continuidade no ensino básico, é preciso articular as políticas de EJA a outras políticas. Afinal, o mito de que a alfabetização por si só promove o desenvolvimento social e pessoal há muito foi desfeito. Isolado, o processo de alfabetização não gera emprego, renda e saúde. (VIEIRA, 2004, p. 85-86).

Com isso, apesar dos entrevistados destacarem a importância da EJA em suas vidas, é necessário que haja uma reflexão acerca das políticas públicas destinadas a esse público, pois perante as leis eles também exercem os mesmos direitos de qualquer civil de frequentar a escola e para que isso aconteça e preciso garantir a permanência deles nela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a esse olhar retrospecto e as narrativas apresentadas pelos alunos, desvendamos motivos que justificam minha visão a respeito do ensino da EJAI, de serem considerados inferiores e marginalizados perante a sociedade. Decorrente a uma visão analítica histórica e reflexiva, evidencia-se os retrocessos e os caminhos que esta modalidade de ensino trilhou para se fortalecer e os avanços que teve durante essa jornada. A narrativa exposta por meio das falas dos alunos que participaram dessa pesquisa e que faziam parte dessa modalidade de ensino, contribuíram para relacionar tais feitos.

A EJAI, nos moldes educacionais, deve assumir um papel de extrema seriedade, pois diante do que foi pesquisado, foi possível fazer uma reflexão de como o ensino desses jovens, adultos e idosos está ocorrendo, de forma precária, com baixo custo e ainda com uma concepção voltada somente para o setor econômico desvinculado do fazer pedagógico de formar pessoas críticas e autônomas. Por tanto, ela assume um papel fundamental no impulsionamento do conhecimento, com grande potencial de agregar um espaço de aprendizagem mais propício e um espaço para o desenvolvimento intelectual dos indivíduos

Por meio do conhecimento de vida dos alunos que participaram da pesquisa, ficou nítido que o ensino voltado para eles deve agora ser visto com outros olhares e se distanciar da mera aprendizagem por aprender e sim passar o conhecimento de forma que eles possam agir da melhor forma sem que haja interferência de outros, que eles possam através da leitura e da escrita fazer inferências da sua realidade e assim agir sobre ela.

No entanto, vale ressaltar que no decorrer da pesquisa pode-se inferir que a EJAI ainda enfrenta um árduo caminho para se constituir como um direito legítimo para os indivíduos que fazem parte dessa modalidade de ensino. Esse caminho se torna ainda mais árduo quando se trata das escolas dos interiores como é o caso de Araras, povoado onde está localizada a escola que foi realizada a pesquisa. O povoado fica aproximadamente a 60km da cidade (Araioses). Esse é um dos grandes problemas que a escola enfrenta para conseguir ter o acesso a Secretária de Educação da cidade, pois é por meio dela que a escola consegue recursos para que os alunos possam ter minimamente um ensino digno.

Esses recursos são escassos e quase não chegam à escola o que dificulta mais ainda o ensino dos alunos. Com esse desamparo por meio dos órgãos públicos da cidade torna-se dificultoso o ensino, tudo isso interfere no desenvolvimento dos alunos, pois a imagem que a sociedade tem dos mesmos é de pessoas inferiores e marginais e essa visão faz com que os alunos se sintam realmente inferiores e acabam desistindo e evadindo da escola.

Como conclusão da pesquisa, destaco a importância e a contribuição da EJAI para a formação desses alunos, uma vez que, eles conseguirão perceber a importância da educação e o papel que ela desempenha na sociedade, pois é meio dela que eles se sentem capacitados a terem uma relação com meio social no qual estão inseridos, além de fazer com que eles se tornem protagonistas do seu processo educacional e autônomos em suas decisões.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. **Alfabetização e Cidadania**. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), n.11, abril 2001.
- BRASIL, CEAA. *Documentos iniciais da Campanha*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Departamento Nacional de Educação, 1949.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Diário Oficial {da} República Federativa do Brasil. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.
- CARRANO, Paulo. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento-Revista de educação**, n. 01, 2000.
- CARVALHO, Marlene, 1936- **Primeiras letras: alfabetização de jovens e adultos em espaços populares**\ Marlene Carvalho. -1.ed. – São Paulo: Ática, 2010. 176p. – (Educação em ação).
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- FERRAROTTI, F. **Sobre a autonomia do método autobiográfico**. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.
- FREIRE Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para Liberdade**. São Paulo. 1961.120 p.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.
- HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p. 108-130, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 ago. 2021.
- HADDAD, Sergio. **Estado e educação de adultos (1964-1985)**. 1991. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Acesso em: 06 abr. 2023.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e práticas de alfabetização na escola. In: Kleiman, A. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

LOCH, Jussara Margareth de Paula. Planejamento e Avaliação em EJA. In: _____. **EJA**: planejamento, metodologias e avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LOURENÇO FILHO, M B. “Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1900 e 1960: descrição e análise”. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. INEP, Brasília, n. 100, p. 249-72, 1965. “Educação de base para adolescentes e adultos”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, n. 37, p. 122-40, 1949.

NAIFF, L. A. M; NAIFF, D. G. M. Educação de Jovens e Adultos em uma análise psicossocial: representações e práticas sociais. **Psicologia & Sociedade**. Local de publicação??, v. 20, n. 3. p. 402-407,2008.

PAIVA, J. Tramando concepções e sentidos para redizer o direito de educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33. p. 519 - 566. set./dez. 2006.

PEDRALLI, Rosângela; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. Evasão escolar na educação de jovens e adultos: problematizando o fenômeno com enfoque na cultura escrita. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 13, p. 771-788, 2013.

SERAFIM, Cássio ER; DA SILVA, Marluce Pereira. O aluno da EJA num mundo letrado e globalizado. **Revista INTERFACE-UFRN/CCSA ISSN Eletrônico 2237-7506**, v. 2, n. 2, 2005.

SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina. **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 18-29.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. 2004.

VIEIRA, Maria Clarisse. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos** – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.